

■ Cultura e natureza na poesia brasileira de Paulo Tovar

 Regina Coelly Fernandes Saraiva *

Resumo: Brasília é uma cidade muito além do aço e do concreto. A cidade, nos anos 1970, configurou sua identidade a partir de expressões culturais que foram se delineando pelas ações de jovens que, ao se transferirem para Brasília com suas famílias, perceberam a cidade e seu potencial cultural. A cidade foi traduzida por esses jovens por meio da música e da poesia e, entre eles, estava Paulo Tovar. A poesia de Tovar, muitas vezes musicada, traduziu Brasília como cidade modernista, mas também como cidade-sertão, nos moldes de quem vivenciou e carregou consigo a tradição sertaneja. Paulo Tovar nasceu em Catalão, interior goiano, e era um observador da natureza do cerrado. Sua poesia traduziu a cidade por meio do movimento poético que se tornou conhecido como “poesia de mimeógrafo” ou “poesia ambulante”, expressão cultural da Capital nos seus primeiros anos. A cidade e sua natureza foram registradas pelo poeta em um momento que ainda não se falava de conservação ambiental. Tovar transgrediu o momento político da ditadura civil-militar e, junto com outros poetas e músicos da cidade, liderou o movimento que denunciava a cidade silenciada. A poesia tornou-se pública nas paredes, nos ônibus, nas paradas de ônibus, nas ruas. Músico, poeta e Cidadão Honorário de Brasília, desde agosto de 2010, post mortem, soube, como poucos, traduzir Brasília. O poeta marcou época, contribuindo para que hoje a gente possa entender Brasília nos seus 60 anos.

Palavras-chave: Cultura. Natureza. Poesia. Cerrado. Brasília.

* Regina Coelly Fernandes Saraiva é graduada em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (1986), mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília-UnB (1992), doutora em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS/UnB (2006) e pós-doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/UFRRJ (2018). Professora Adjunta da UnB nos cursos de graduação em Gestão Ambiental (GAM) e Licenciatura em Educação no Campo (LEDOC) e no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente em Desenvolvimento Rural (PPG-MADER). Membro do Centro de Estudos do Cerrado na Chapada dos Veadeiros (Centro UnB Cerrado) e do Núcleo de Estudos para Paz e Direitos Humanos (NEP/CEAMI/UnB). Contato: reginafup@gmail.com

Introdução

A história cultural abre para a possibilidade de registros das sensibilidades, das subjetividades e da história de vida como campos de pesquisas e estudos (PESAVENTO, 2008). Este artigo, considerando essa perspectiva historiográfica, aborda a trajetória do poeta Paulo Tovar e de sua poesia sobre Brasília. Para escrevê-lo, foram consultados documentos, realizadas entrevistas. Assim, escritos poéticos e história de vida se entrecruzam nesse texto. Familiares e amigos foram ouvidos e realizou-se pesquisa bibliográfica sobre aspectos da história e cultura em Brasília. A memória pessoal de duas décadas de convivência com o poeta também foi acessada e seus registros aparecem na narrativa aqui construída para desvendar quem foi Paulo Tovar e suas contribuições para entendermos Brasília.

Da pesquisa realizada resultou o reconhecimento de que ainda há muito para ser investigado e escrito sobre o poeta; sua produção (poesias, anotações e registros), aqui tratada como parte da memória cultural de Brasília, ainda precisa ser tratada e preservada, pois sua história de vida é um retrato de um tempo da cidade. Ao manusear documentos pessoais e de família, foram encontrados poemas inéditos, escritos pessoais que revelam um acervo potencial sobre a cidade. Além disso, existem músicas que também não ganharam registro público por falta de recursos financeiros.

Paulo Tovar é uma referência para a história cultural de Brasília; sua poesia e sua música são parte da formação da identidade cultural da cidade e a intenção deste texto é traduzir um pouco quem foi o poeta, como viu e viveu a cidade.

Marco zero

Brasília é uma cidade muito além do aço e concreto. Ao completar 60 anos, não poderíamos traduzi-la de outra forma. A cidade foi se formando (se criando) em oposição à ideia de pessoas que a consideravam pronta e acabada após a inauguração, em 1960. Criada por Juscelino Kubitschek, Brasília e seus moradores foram construindo suas formas e identidades foram se delineando.

Apesar de entender Brasília como o conjunto mais amplo das cidades que formam todo o Distrito Federal, neste texto, a referência são o Plano Piloto e suas Superquadras Norte e Sul (SQN e SQS) que formam, como diria o poeta, “asas sempre dispostas a voar”.

O Plano Piloto de Brasília e as Superquadras Sul e Norte receberam pessoas que chegavam dos vários lugares do Brasil para morar na cidade modernista, após sua inauguração, com o propósito de consolidar seus projetos de vida. Assim, a cidade foi se configurando e se consolidando. Nas Superquadras, a presença de

muitos jovens. Naquela época as famílias brasileiras ainda eram numerosas. Esses jovens vieram com suas famílias e cresceram nas Asas Sul e Norte, nas Superquadras e nos Eixos. Formaram a primeira cara de Brasília.

A cidade, também jovem, foi se delineando nas experiências, gestos, palavras e desejos desses jovens. Em 1969, Brasília foi presenteada com a inquietude de um jovem goiano, Paulo Tovar Hummel, que tinha um desejo imenso: “de ver o dia nascer pelo avesso...”.

Tovar, como todos o conheciam, nasceu em 11 de junho de 1955, em Catalão, Goiás. Era o quarto filho, dos cinco, de Dona Vanda, professora, e de Sr. Paulo, fazendeiro, político e comerciante. Viveu até os quatro anos na fazenda do pai. Depois, mudou-se, junto com a família, para a pequena Catalão, onde viveu até os 14 anos de idade. A mudança para Brasília deu-se em função dos estudos. Seus pais sabiam da necessidade de mudar para um lugar onde os filhos tivessem mais oportunidades. Naquela época, Brasília era representada como a “Capital da Esperança” de todos os brasileiros.

Primeiro vieram os filhos e, em seguida, os pais. Tovar foi morar com uma tia na inquieta SQN 312, com apenas 14 anos de idade. A 312 Norte era cercada pela vegetação do cerrado ainda preservado e o jovem adolescente encontrou na nova cidade o ambiente natural que trazia da sua experiência em Catalão. O novo eram somente os blocos, que causou susto só no início. Depois, sua poesia traduziu os blocos e as Superquadras com sensibilidade e maestria. Tovar era um “passarinho candango que chegava”. Tinha nascido em Goiás, mas sua alma era brasiliense. Segundo ele, “nasci em Goiás, mas renasci em Brasília.”

Com a chegada dos pais, morou também em Sobradinho e na SQN 410, até que o apartamento da antiga SHIS, comprado pela família, na Superquadra Sul 408, ficasse pronto. Em 1970, todos se mudaram para a nova casa. A 408 Sul se transformou numa referência para Tovar, onde viveu sua adolescência e o início da vida adulta.

A gente nessa cidade

O encontro de Tovar com outros jovens deu início à formação de uma cultura tipicamente brasiliense. Em meio à ditadura civil-militar, nos anos 1970, os jovens exploraram todo o potencial cultural que a cidade oferecia em seus primeiros anos e desenvolveram uma linguagem poética muito própria, que se expressava nos ônibus, nas paradas de ônibus, nas paredes, nos bares, nos cantos e recantos da cidade.

Criou-se, naquele momento, a “poesia de mimeógrafo” – recebeu esse nome por ser feita em mimeógrafo – ou “poesia ambulante”, porque circulava em todos os lugares. Eram pequenos livros de folhas grampeadas, vendidos ou distribuídos nos ônibus, nos bares,

nas ruas e em tantos outros lugares da cidade. No início, os pequenos livros-poemas de Tovar eram datilografados e impressos no mimeógrafo da escola, onde a mãe trabalhava como professora, até que com uma ação entre amigos conseguiram comprar um mimeógrafo, tornando a produção ainda mais caseira.

Essa poesia marcou época em Brasília: tinha uma mensagem de rebeldia que registrava e repudiava o momento político – a ditadura. Tovar, junto com outros poetas e músicos da cidade, lideraram um movimento poético que denunciava a cidade silenciada. A poesia, expressão ativa da cultura daquele momento, tornava-se pública da forma que era possível. Nas paredes, muros, tapumes e onde se podia ler em diferentes lugares do Plano Piloto, estavam versos provocativos como: “As paredes têm boca”, “Sei sua sede, parede”, “A poesia passou por aqui”, ou ainda, “Aos militares a força, aos perdedores o medo, aos vencedores o nada”. Essa poesia rebelde reagia ao contexto repressor.

A poesia de mimeógrafo muitas vezes abordava com ironia a realidade da cidade, como ficou registrado nos livros-circulares *Grande Circular*, *Chá com porrada*, *Lozurte com farinha*, *Tiro ao alvo* e *A feira*, produzido com euforia por poetas da cidade. A característica essencial era a leitura rápida, com mensagens sobre a cidade e suas formas, sua natureza, sua vida política, além de contemplar os amores e desamores de uma juventude em ebulição. Nicolas Behr foi parceiro na criação e produção dessa poesia, que circulava e ajudava a compreender e criticar a jovem Brasília em formação. Outros poetas também se engajaram no projeto poético.

A juventude de Tovar foi movimentada por essa e outras formas de expressões culturais. Articulador dos movimentos culturais da cidade em plena ditadura, sua poesia pioneira marcou presença, no final da década de 1970, na *Galeria Cabeças*, localizada nos gramados da Superquadra 311 Sul, onde se realizavam shows, teatro, dança, artes plásticas e declamação de poesias. Mensalmente, reuniam-se ali jovens do Plano Piloto e das cidades-satélites, para ver e ouvir o que se escrevia e tocava em Brasília. Os *Concertos Cabeças*, referência cultural da cidade, resultaram desses encontros, e Tovar foi um dos inspiradores do projeto junto com Néio Lúcio, Nicolas Behr, Renato Mattos, Luiz Turiba, Wagner Hermuche, TT Catalão e tantos outros. Para Tovar, o *Cabeças* significava “o lugar onde as pessoas tinham um vínculo com os seus sonhos e suas utopias, pois, naquela época, qualquer coisa que se fizesse estava sendo feita pela primeira vez.”

Sua participação também foi marcante e estimulante no *Cabeças Grande Circular*, projeto itinerante de cultura que deveria acontecer também nas cidades satélites; no *Panelão da Arte*, que acontecia na 312 Norte; e em outros eventos que ajudaram a consolidar a cultura e

a cara de Brasília, como o *Esquadrão da Vida*, de Ary Pararrais. Toda essa agitação cultural estava articulada ao contexto mais amplo dos movimentos de contracultura, que se expandiram por todo o mundo. Esses jovens eram mobilizados por uma nova ética humana, que defendia a liberdade, a paz, a conservação da natureza e a criatividade como valores humanos fundamentais.

Na história de Tovar, a poesia somou-se à música. Muitos poemas viraram músicas, desde que Tovar aprendeu tocar violão e não parou mais. O envolvimento com a música começou quando ele ganhou um violão, em 1972. Depois, estudou na Escola de Música de Brasília e foi aluno do curso de Música na Universidade de Brasília. Embora não tenha se formado, a música e a poesia fizeram parte de toda sua experiência de vida. O turbilhão de escrever e fazer música aproximou Tovar dos movimentos culturais e de músicos, como Reco do Bandolim, de quem foi parceiro nos festivais de música do CEUB e do Elefante Branco.

Outros músicos da cidade, que mais tarde se tornaram reconhecidos, como Renato Russo, Cássia Eller, Renato Matos, Haroldinho Matos, Célia Porto, participaram junto com Tovar de suas inquietações culturais. Da parceria com o músico paulista Itamar Assumpção gravou a música “Espírito que canta”, no disco Intercontinental.

São de sua autoria os discos: *After Reggae* (1981), *Tatudróide* (1991) e *H2Olhos* (2003). Este último resultou da venda, de mão em mão, de quase 15 mil exemplares do poema-óculos *H2Olhos*. Tovar também fez parte do *Liga Tripa*, grupo musical tipicamente brasiliense que percorria as Superquadras de Brasília e as cidades-satélites com seus instrumentos alternativos e inusitados.

Os festivais de música fizeram parte da vida de Tovar. Em 2006, conquistou o 1º lugar, letra e música, no Festival da Nova Canção Brasileira, o CANTACUT (promovido pela CUT Nacional – Central Única dos Trabalhadores), com a música *Marco Zero*.

Sempre inquieto e alegre, o poeta, além de publicar seus livros, também ajudou outras pessoas. No projeto *Numas de Ler*, Tovar e amigos, também inquietos, escreveram parte da história literária de Brasília. Com José Luiz Sóter criou a *Sem Mim*, editora alternativa que publicou mais de 50 títulos. Participou do grupo *Pau Brasília*, que reunia poetas como Nicolas Behr, Luis Turiba, Chacal, Vicente Sá e outros.

Boêmio, *flâneur* e algumas vezes “fazedor de se-restas”, Tovar divulgava seu trabalho nos eventos culturais e bares da cidade. Sua presença era sempre esperada. Assim, ele ia conquistando amigos para sua leitura e música, sem deixar, é claro, de conquistar amores. Para ele, “nada é muito pouco”.

Tira a tranca da janela

A poesia e as músicas de Paulo Tovar traduziram Brasília como cidade modernista, mas também como cidade-sertão, onde a natureza do cerrado se sobressaía, bem aos moldes de quem vivenciou e carregava uma tradição sertaneja. Em *Marco Zero*, essa percepção da cidade está bem presente.

Quando não havia torre, lago ou rodoviária
E o Eixão era somente uma forma imaginária
A siriema cantava solene compenetrada
Vacas e bois ruminavam no meio da Esplanada

Partiu-se de um ponto
Traçaram-se as retas
Cruzaram-se os eixos
Riscaram-se os mapas
Somaram-se os números
Mediram-se os ângulos
Ligaram-se as máquinas
Rasgaram-se as ruas

Quando não havia ainda
Samambaia e Setor P
Quando lobos farejavam
No campus da UnB
E tatus faziam túneis
Muito antes do metrô
Tropeiros e comitivas
Arranchavam livremente
Onde se fez o Palácio
Onde se fez... a Rodô

Partiu-se de um ponto
Traçaram-se as retas
Cruzaram-se os eixos
Riscaram-se os mapas
Somaram-se os números
Mediram-se os ângulos
Ligaram-se as máquinas
Rasgaram-se as ruas

Quando só havia mesmo
Este céu por testemunha
Quando tudo que se via
Era o vasto chapadão
Seguidores de estrelas
Caçavam pedras e índios
Muito antes de Ana Lídia
Ou da forma... do avião

Partiu-se de um ponto
Traçaram-se as retas
Cruzaram-se os eixos
Riscaram-se os mapas
Somaram-se os números

Mediram-se os ângulos
Ligaram-se as máquinas
Rasgaram-se as ruas.

A presença do Cerrado na poesia de Tovar vem, em primeira instância, da infância vivida em Catalão, onde o convívio com a natureza era intenso: colher frutos do Cerrado, banhos em rios e ribeirões, brincadeiras no mato. A vida em Catalão e na fazenda permitiu que a natureza fosse parte do poeta.

Sua visão imaginária, em *Marco Zero*, de um lugar ainda sem cidade, é um elogio à natureza do cerrado, à vida sertaneja que habitava a região antes de Brasília. Nesse poema, escrito em 1981, ele nos fala dos primórdios da ocupação da região, com os índios, à construção de Brasília.

Na poesia de Tovar, a presença do cerrado passa pelo olhar crítico de quem reconhece o prejuízo legado à natureza com a construção da cidade e onde não canta mais a siriema e lobos farejam. O olhar é de quem viveu a adolescência numa cidade em construção. O poeta viu as Superquadras serem erguidas. Tovar é do tempo em que ainda era possível ver o Cerrado intacto, mas também impactado pelo novo, por construções dos blocos das SQSs e QNs. Com sua crítica, em *Marco Zero*, o poeta registra a necessidade da conservação ambiental como questão importante para entendermos o lugar e a natureza onde a cidade foi erguida. Paulo Tovar era um defensor da natureza quando essa pauta ainda não era parte do debate público.

Em *Semente*, o poeta nos fala: “Toda semente contém uma floresta/ E cada homem a sua humanidade/ E cada micro/ Seu mico, seu macaco./ E essa ideia de ser dono da verdade (...)”. A visão de que todas as coisas interagem a todo instante é revelada. No mesmo poema, ele nos lembra: “Todo olho d’água tem sua água pura,/ Aura pura, a alma apura (...)”.

Observador atento do cerrado interessava-lhe, além do registro da natureza (juritis, siriemas, lobos, tatus), o sentido cultural desta natureza: a cultura sertaneja (tão presente em seu imaginário). Em *Juriti*, poesia escrita em parceria com Aldo Justo, essa cultura é registrada.

Meu coração tem um desejo imenso
De ver o dia nascer pelo avesso

Meu coração mão de pilão
Tem um jeito do avoar

Bota água na bacia
Que a cara do dia
Está querendo vir

Tira a tranca da janela
Que de manhã cedo

Eu quero ver
O vôo da juriti.

O olhar sertanejo vem da experiência de quem viveu no interior goiano. Em *Juriti*, mais uma vez o elogio à natureza, que também é sertaneja. A preocupação com a cultura sertaneja estava enraizada no poeta, tal qual a cidade moderna. Registrou festas e tradições em Catalão e criou um acervo de imagens e sons, que a qualquer momento poderiam ser transpostos para sua poesia ou sua música.

A cidade modernista também foi elogiada. Seus poemas falam da cidade e suas peculiaridades. O poeta criticou o fim da natureza sertaneja do cerrado, mas exaltou Brasília. Blocos e Superquadras povoam sua poesia: *Marco Zero* e *Frevo Torre*, transformadas em música pelo *Liga Tripa*, revelam como a cidade real estava presente em Tovar, que a transformava numa cidade de sonho.

No dia em que a torre caiu
O lago nem sequer se incomodou

Bem que eu queria
colocar tudo nos eixos
e a cidade bateu asas
bateu asas e voou

Quem tem L vai ao dois
Quem tem W vai ao três
Quem comeu pastel de queijo deixa o caldo prá depois

Se a quadra brigou com o bloco
Debaixo de uma sacada
O bloco foi demolido e a quadra desabitada

As ruas, os lugares, os eixos e avenidas, os blocos e quadras ganhavam vida e sentimentos com Tovar. Fatos que viraram folclore de Brasília, como comer pastel de queijo e tomar caldo de cana na Rodoviária, referências de quem viveu a passagem entre ser candango (da construção de Brasília) para brasileiro, foram registrados pelo poeta.

O elogio à cidade modernista também foi feito em *Marco Zero*, que nos fala da natureza, mas também do aço e do concreto. Paulo Tovar foi um mestre em transformar a cidade em poesia: “No bloco A, te ameí/ No bloco B, te beijeí” e assim percorre a Superquadras de Brasília de A a Z, traduzindo-a com sentimentos em meio as suas retas e eixos. Tovar tinha paixão por Brasília. “Esta cidade na gente / A gente necessidade / Um passarinho que chega / Às vezes para no ar (...)”.

O poeta viveu dois anos em São Francisco (EUA); em 1989, mudou-se para a pequena cidade de Olhos D’água, distrito de Alexânia, Goiás, e teve três filhos.

Mas, quem o conhecia bem sabia que seu Norte era Brasília: “Tudo acaba me levando/ Até seu onde, até seu quando (...)”.

O diálogo criado pelo poeta entre os mundos que o habitava (sertão e modernidade) nos revelou Brasília. Sua poesia era o exercício de quem vê, vive, sente e escreve. Sua arte tem cruzamentos múltiplos, é dialógica e livre. A natureza do imaginário destacado em poemas como *Marco Zero* nos remete à capacidade criativa do poeta para além da dimensão histórica e revelou a cidade em suas outras faces que não podem ser esquecidas. Ele nos lembra que a Brasília é mais do que o cruzamento dos eixos Norte e Sul, Leste e Oeste, ou o traço do avião.

O poeta, na sua subjetividade, não tem a intenção de criar um mundo real, mas de mostrar o mundo real sob outro olhar. Tovar nos trouxe em sua poesia muitas Brasília. Falou de juritis, seriemas, lobos, vacas e bois, que ruminavam no meio da Esplanada quando a cidade era somente uma forma imaginária. Traduziu a cidade-sertão, a cidade moderna, marcou época com sua poesia e sua música. Na sua poesia trouxe a “experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído” (PESAVENTO, 2008, p.47).

O advento da história cultural tornou possível ao historiador (ao pesquisador) atingir as sensibilidades como objeto de compreensão do tempo passado. Assim, os poetas e suas poesias, seus olhares sensíveis e subjetivos, nos ajudam na compreensão de um tempo; documentam sentimentos que podem ser vistos e (re) vistos pela história.

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. (...) As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio de emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida (PESAVENTO, 2008, p. 56-57).

Paulo Tovar nos revelou Brasília; em seus cruzamentos, outras culturas e tradições. A cidade do poeta é a de um tempo vivido que não está fixo no passado, porque é parte do tempo do agora, como nos lembra Benjamin (1996). Hoje, aos 60 anos de Brasília, percebemos que a ebulição e pulsação cultural dos idos anos 70 e 80 não estão mais presentes, mas são parte da história e das marcas da cidade. Neste texto, poesia e história de

vida ganham a dimensão do documento histórico que, ao ser manuseado, traz a compreensão de experiências vividas que nos povoa, mas que se for silenciada pelo tempo, podemos perder de vista.

Cidadão Honorário de Brasília

Em 2009, depois de lutar bravamente contra um câncer, o poeta se despediu de nós deixando seu legado para Brasília: sua poesia, sua música. Em 2010, Paulo Tovar, músico e poeta de Brasília (porque aqui

“renasceu”), foi homenageado e ganhou o título de Cidadão Honorário de Brasília, *post mortem*.

Este texto é um registro de memória, movido por aquilo que Benjamin (1996, p. 224) nos chama a atenção: “O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” Sobre o passado de Brasília, tão perto e tão longe, ainda é preciso muitos olhares. A intenção foi dar um passo no sentido de descortinar parte da história cultural da cidade para os seus 60 anos, mas também (re)memorar o poeta e homenagear o cidadão honorário. ■

Referências

- BEHR, Nicolas. **Beije-me** – Retratos de uma geração brasiliense. Brasília, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** - Ensaios sobre literatura e história a cultura. Obras escolhidas. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- HUMMEL, Rosana. **Histórico de Paulo Tovar** [documento pessoal]. Brasília, outubro de 2010.
- MAGALHÃES, Nancy Alessio. A percepção do rural e do urbano na construção da memória social das cidades. In: **A construção da cidade**. Brasília: Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 1998.
- PANIAGO, Paulo. **Literatura no compasso das letras**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2ª. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Dossiê Walter Benjamin. **Revista USP**, n. 15, São Paulo, 1992.

Entrevistas

- HUMMEL, Rosana. Entrevista concedida a Regina Coelly Fernandes Saraiva, outubro de 2010.